



Suplemento infantil do jornal:

ANO XIV

O SEculo

N.º 721

Chico Torniquete

* O AZ DO AUTOMOBILISMO *

POR essas estradas fóra, ora sob uma chuva inclemente, ora sob um sol abrasador, Chico Torniquete e os seus quatro companheiros, corriam velozmente. A' frente, Boyer, depois Herrmann, logo a seguir Bellier e, por último, Colbert e... Chico Torniquete. Atravessaram Coimbra numa vertigem e Chico Torniquete, desenfreadamente, ia passando à frente de Colbert, Bellier, Herrmann e Boyer. Emocionante corrida, entre campos e altos choupos que se balouçavam, como a cumprimentar os cinco ases internacionais. O avanço de Torniquete era agora notório e a vertigem aumentava...

Porém, mais fortemente se começou ouvindo o motor daquele estranho avião, que não se afastava dos cinco corredores.

Chico Torniquete avançava mais e mais! O seu esplêndido «C. T.» cumpria rigorosamente o seu dever e Torniquete, — o volante mais extraordinário do mundo! — esquecia o estranho avião, esquecia o perigo arriscado em que seguia, esquecia tudo para gozar do profundo prazer de guiar ve-

lozmente, de suplantar todos, de correr, de voar, de...

Súbitamente: — Horror!! — um ruído medonho, semelhante a uma explosão, se ouviu, e os quatro contendores, que marchavam na recta-guarda, apenas divisaram, por instantes, o carro de Chico Torniquete, envolto numa espessa nuvem de fumo! A corrida foi interrompida.

Colbert, Bellier, Herrmann e Boyer imediatamente — marcando rigorosamente as suas posições de avanço e atraso — acorreram ao local do sinistro, retirando, inanimado, o corpo do grande automobilista português.

Para uma estalagem próxima o conduziram e o farmacêutico da aldeia lhe prestou rápidos serviços.

Numa «garage» procedeu-se aos urgentes reparos no «C. T.», bastante danificado.

Durante a noite, fortes pancadas soaram na porta da estalagem onde repousavam os cinco corredores. A velha criada Joana, indo abrir, ficou espantada ao dar com um homem de horrível aspecto, que pedia um quarto e que era gordo e redondo como uma bola de «foot-ball»...

— «Tenciona demorar-se muito tempo?» — perguntou a criada Joana, passado o primeiro momento de espanto.

— «Não. Apenas esta noite» — respondeu com a sua voz rouca e diabólica o medonho Nicolau.

A estalagem estava no mais completo silêncio. Tudo dormia a essa hora. Embrulhada no seu velho chale preto, friorenta e ensonada, Joana subia a escada, conduzindo o seu novo e mal encarado hóspede. De súbito, perguntou-lhe Nicolau Rebola, tentando dar à pergunta o ar mais natural deste mundo:

— «Diga-me uma coisa: não está cá hospedado o ás automobilístico Chico Torniquete?»

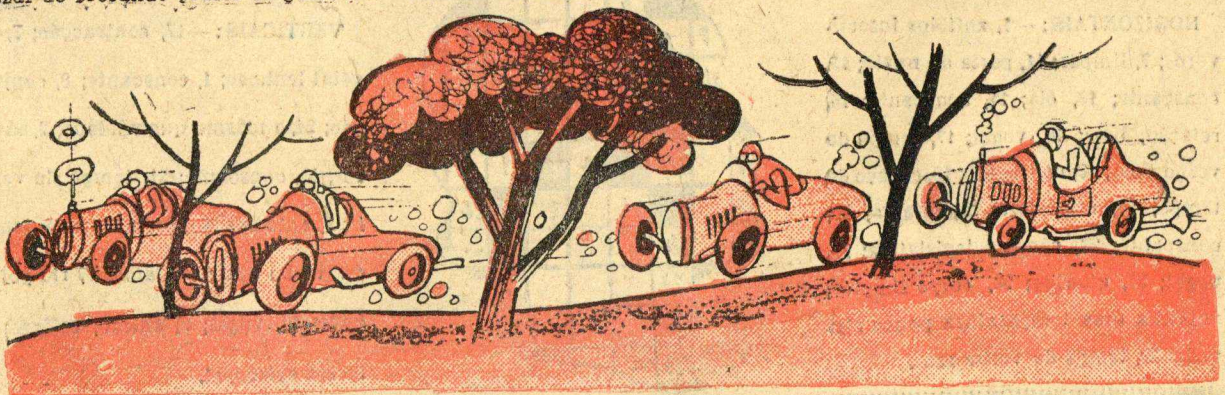
— «Está sim, meu senhor» — respondeu a velhota, sem suspeitar da rafoeira que o terrível bandido lhe preparava.

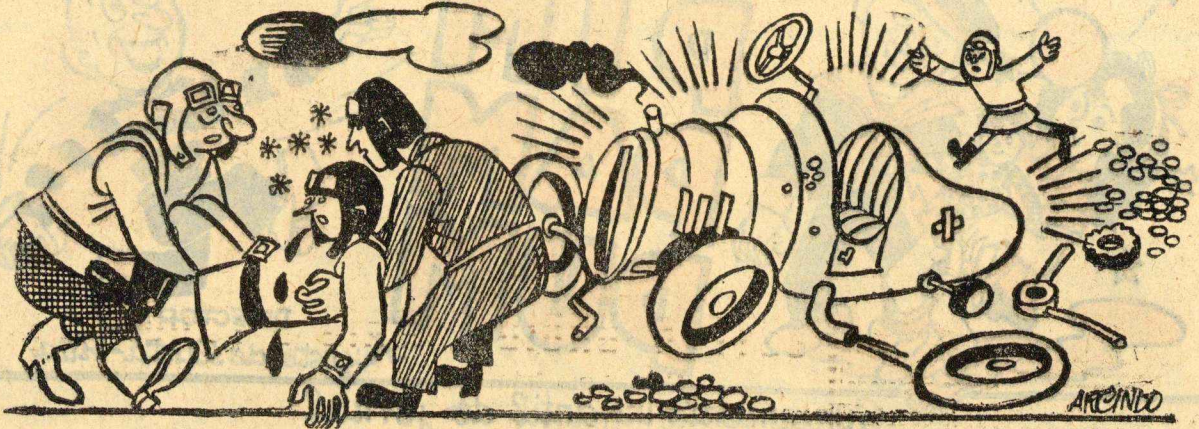
— «Em que quarto está?»

— «No número 5, mesmo ao lado daquele que vou dar ao senhor.»

Nicolau Rebola teve, no olhar, um lampejo de cruel alegria...

E a noite seguia, ouvindo-se, agora,





muito ao longe, os ecos atroadores duma grande trovoadá.

Pé ante pé, aproximou-se do leito onde repousava, agora profundamente adormecido, o heroico Chico Torniquete. Tirando da algibeira um frasco,

quando, de súbito, estacou. Na sua frente, Boyer, Colbert, Bellier e Herrmann, impediam-lhe a passagem.

Os dois quartós eram ligados, interiormente, por uma porta fechada a chave mas que não resistia cinco minutos à experimentada gazuza de Nicolau Rebola.

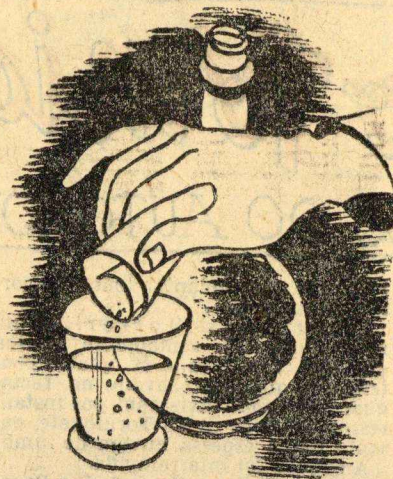
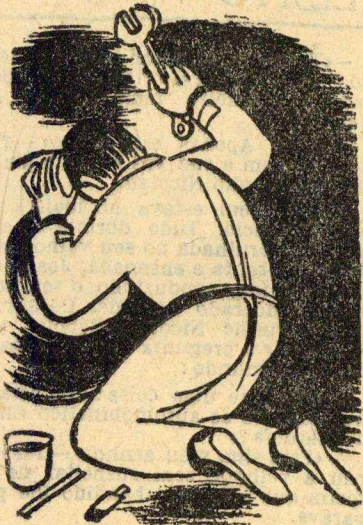
Quem pudesse ver, ao pálido clarão duma lâmpada eléctrica, o rosto de Nicolau Rebola e os seus medonhos dentes de crocodilo, que rangiam uns contra os outros, ficaria certamente, horrorizado!

Rapidamente, Nicolau Rebola saca do seu revólver, mas os quatro homens, num salto de feras, caem sobre êle, tolhendo-lhe os movimentos.

— «Maldito!»—exclamou Boyer—que fizeste a Chico Torniquete? O teu ódio já é conhecido por nós e logo vimos que, em tudo isto, andava o teu dedo infernal. Dize: o que fizeste a Chico Torniquete?

— «Nada!»—respondeu o bandido.—E os minutos iam passando.

(Continua no próximo número).



contendo um líquido esverdeado, aproximou-se do nariz de Chico Torniquete.

Em seguida guardou o frasco e teve uma medonha gargalhada de vencedor...

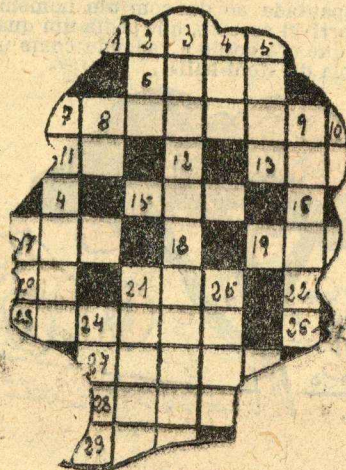
Quem se debruçasse para ler o rótulo do terrível frasco, leria o seguinte: — «Veneno Ôtloquette. Produz a morte no prazo duma hora.»

Pé ante pé, dirigiu-se, novamente, para a porta, contente com a forma rápida como operara a sua proeza,



PALAVRAS

HORIZONTAIS: — 1, anfíbios insectívoros; 7, limpas; 11, parte do navio; 12, consoante; 13, olá; 14, consoante; 15, relação, lista; 16, vogal; 17, tempo do verbo doer; 18, consoante; 19, espaço de tempo; 20, atmosfera; 21, infame; 22, consoante; 23, câmara legislativa; 26, vogal; 27, querido; 28, corpo simples, volátil a uma temperatura pouco elevada; 29, tempo do verbo azar.



CRUZADAS

VERTICAIS: — 17, contracção; 7, vegetal lenhoso; 1, consoante; 8, conjunção; 24, o mesmo que vaidade; 2, suspiros; 15, consoante; 21, tempo do verbo ir; 3, antecipação, prematuro; 4, tempo do verbo orar; 25, lama; 5, rio português; 19, vogal; 9, ânimo, esforço; 10, igreja episcopal.

A HISTÓRIA DO BICHAÇO MADRAÇO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

NA última ninhada daquela senhora coelha, nascera um coelhinho tão mandrião que fora logo conhecido na mata pelo bichaço madraço.

Muito desgostosa, a mãe coelha foi procurar a Fada dos Disparates e pediu-lhe que arranjasse maneira de tornar o seu filho trabalhador.

— «Penso que o melhor é transformar esse madraço numa formiga. Elas são um exemplo de actividade. Aprenderá assim a trabalhar».

— «Muito bem, senhora Fada! A ideia é acertada. Nem parece um disparate de Fada Disparatada!» — disse a coelha, abanando o rabinho, com entusiasmo.

— «Traz-me aqui» — tornou a Fada dos Disparates.

A senhora coelha foi buscar o seu menino.

Hesitante balbuciu:

— «E se eu quiser que ele volte, outra vez, a ser coelhinho?..»

— «Isso só poderá suceder se estiver completamente curado do terrível defeito da mandria.» respondeu a Fada.

Depois, pondo a mão sobre a cabeça do coelhinho, acrescentou:

— «Digo e digo e repito este dito:

— meu ralaço,

meu madraço,

em formiga

siga, siga

e prossiga.

Figa! Figa! Figa!

Salte a formiga!»

E a formiga saltou!

Mas que tamanhona ela era!

Tão grande, que mais parecia um enorme beozouro!

A coelha mãe, um tanto desazonada, ainda retilou:

— «O! senhora Fada,

deixe que lhe diga,

foi disparatada!

Em vez de formiga,

fez um formigão!
Mas que entalação!»

— «Não te amofines! Quanto maior for, mais trabalhará!» — isto respondeu a Fada dos Disparates, deixando o coelhinho entregue ao seu novo destino.

Muito indolente para se preocupar com o caso estranho que lhe sucedia, este, assim que se viu feito em formiga, entrou num formigueiro e adormeceu num sono profundo.

Quando acordou, viu-se sentado num trono e rodeado por milhares de formiguinhas.

Uma delas, perguntou-lhe, muito respeitosa:

— «Podes dizer-me como te chamas?»

A formiga-coelhinho respondeu, numa voz sonolenta:

— «Sou o bichaço madraço.»

— «Pois estou encarregada de te nomear rei das formigas, visto seres um gigante ao pé de nós todas. E como um rei não trabalha, nada farás, senão comer e dormir.»

— «Mas que rico officio! E dizia a minha mãe que me ia castigar!» — (Pensou consigo o coelhinho, radiante com tal proposta). E logo ordenou: — «Deixem-me dormir descansado. Amanhã acordem-me e tragam-me uma pratinha de ovos de formigas, guisados, para o meu almoço.»

E assim foi vivendo o madraço coelhinho.

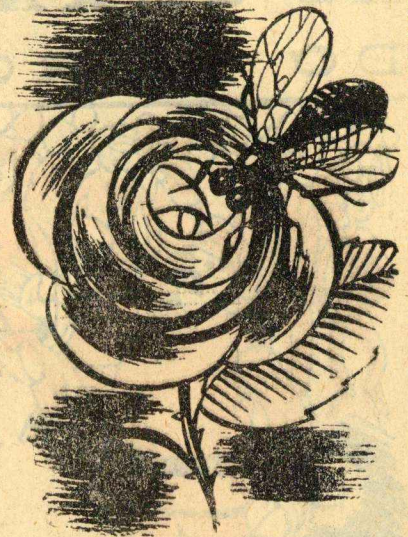
Daí a dias, a Fada dos Disparates veio ver o resultado da sua experiencia.

Percebeu, então, o grande disparate que fizera, em transformar o coelhinho numa formiga, tão diferente das outras.

E, ao dar com o seu protegido, sentado num trono, com todas as formigas a servi-lo, gritou, furiosa: — «Pôra daí, pedaço de mandrião!»

Lembrou-se, então, de o transformar numa abelha.

Bateu-lhe com a varinha, dizendo estas palavras:



— «Ficarás abelhinha, leve e doçradinha. Veremos se consigo livrar-te do perigo, de seres o bichaço madraço. Voa p'ro cortiço, pedaço de enguço!»

E o coelhinho, de formiga passou a abelha e voou logo em cata do cortiço.

Passados dias, estava a Fada dos Disparates contando à coelha a transformação do filho, quando uma abelha passou por ali e foi pousar numa flor.

— «Parece-me que é o bichaço madraço.»

E vai, perguntou-lhe:

— «Como te chamas, abelhinha?»

Ela zumbiu: — «Não posso dar-te atenção. Tenho muito que fazer.»

— «Ordeno-te que me digas o teu nome!» — disse a Fada dos Disparates, já quasi a disparatar.

— «Fui o bichaço madraço. Mas, agora, sou a abelha trabalhadeira e muito ordeira.»

— «Desta vez, o meu disparate deu resultado. Queres que torne a transformar o teu filho em coelhinho?» — perguntou ela à coelha.

— «Certamente! Certamente!» — acudiu esta, muito contente.

Batendo com a varinha na abelha, a Fada disse:

— «Voltas a ser coelhinho, muito activo e jeitozinho.»

Logo isso sucedeu.

A mãe coelha, abraçada a ele, exclamava, radiante: — «Meu rico bichaço madraço!»

Indignado, o filho, bradou:

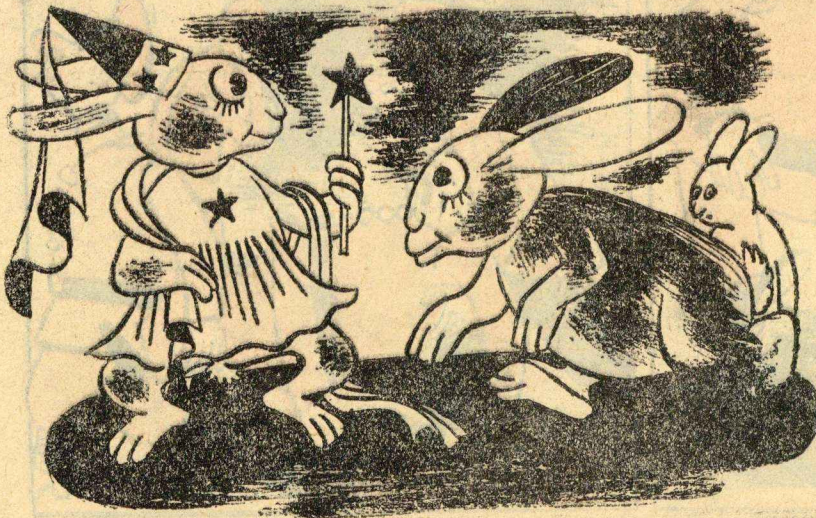
— «Pois hoje essa alcunha eu mudo, sou coelhinho Faz-Tudo e em cem léguas em redor, o maior trabalhador.»

A Fada e a mãe coelha desataram a rir, com a vivacidade do menino.

— «Como é que isso sucedeu?» — indagaram, interessadas.

— «Fecharam-me numa cela e deixaram-me ali, até eu me decidir a trabalhar. Agora, já não posso estar pa-

(Continua na página 7)



AS GRANDES AVENTURAS DO AERONAUTA MATIAS

E DO PILOTO PÁTÓ.



Finalmente libertos dos antropófagos e dos piratas chineses, Matias e «Pátó» seguem, agora, com a fiel «Mascotte» na carlinga do avião, a caminho de «Cascos de Rôlhas» onde, após quarenta e oito horas de viagem, que correu sem a menor contrariedade, chegam, finalmente, aterrando no respectivo campo de aviação. Uma multidão de habitantes da re-



gião, chefiada pelas entidades mais importantes de «Cascos de Rôlhas» entre as quais se destacavam o capitão do porto, Agapito Tampa de Gargalo, com uma exquisita farda verde



com vivos amarelos, e oito filarmônicas, aguardavam, dando palmas e vivas, os dois já célebres heróis. Assim que se apearam, a música



irrompeu, tocando o hino nacional de «Cascos de Rôlhas» e Agapito Tampa de Gargalo, abraçando os dois heróis e apertando a patinha branca da «Mascotte», empertigou-se, sacou duma mensagem, em pergaminho, e dispôs-se a ler uma saudação que prometia ser longa. Providencialmente, entretanto, «Mascotte», formando um imprevisto pulo, abocanhou a mensagem e

(Conclue na página?)

Zé é Contente e Resmungão

Por AUGUSTO SANTA-RITA

Zé Contente era um petiz que se julgava feliz. Ora se assim se julgava, é que o era certamente, por isso andava contente; pois pudera! Sempre alegre e sorridente.

Tudo lhe corria bem à mercê dos seus desejos, por isso, avós pai e mãe sempre o cobriam de beljos.

Onde chegava alegrava tôda a gente;

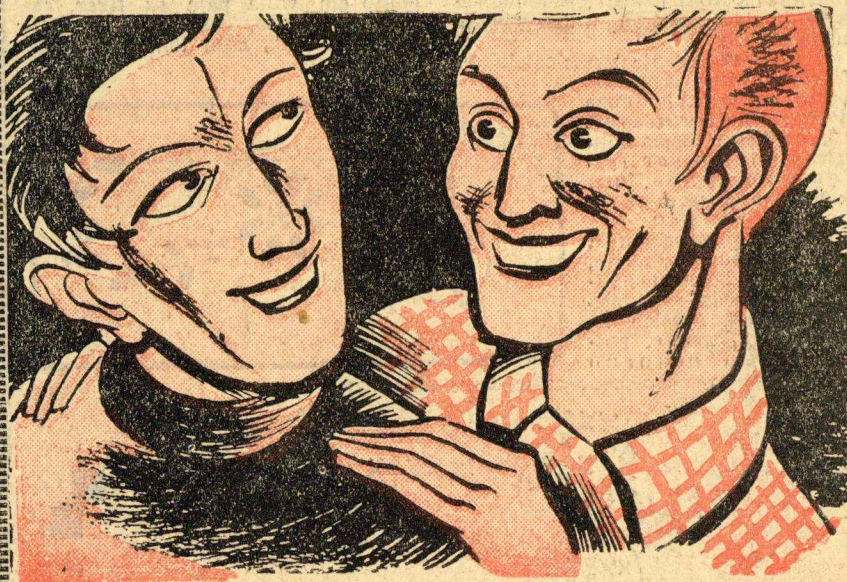
criava uma atmosfera de simpatia. Pudera! Pois se éle constantemente sorria!



«Zé Resmungão, ao contrário, andava sempre a carpir seu fadário; sempre alheio e solitário, ninguém o via sorrir!

Mas, um dia, o «Zé» Contente «Zé» Resmungão encontrou e ao ver que éle era um doente, como um doente o tratou. Fê-lo andar sempre consigo, fê-lo rir alegremente!

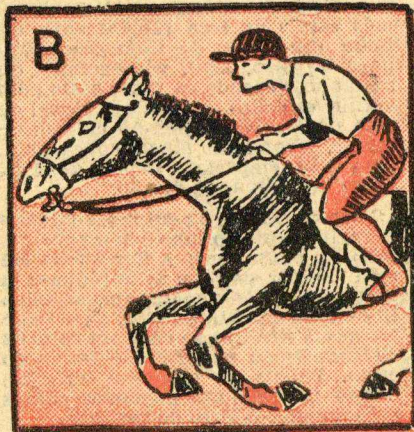
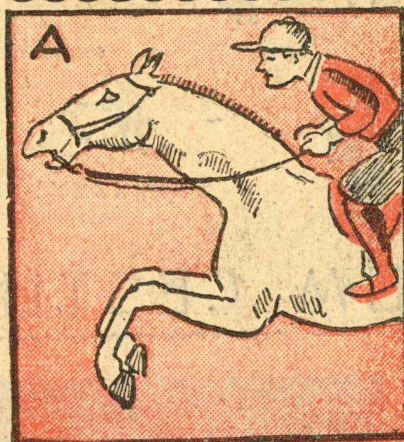
E tanto fez rir o amigo que, finalmente, o curou!



CORRIDA DE CAVALOS

Instruções do jôgo: — O «Pim-Pam-Pum» oferece, hoje, aos seus amiguinhos este novo jôgo, construção para armar. Colem os desenhos que representam os cavaleiros e os desenhos que figuram na página 8, em cartolina espessa e, depois destes recortados, procedam à armação, colocando a circunferência sôbre um pedaço de madeira, espetada por um alfinete, de

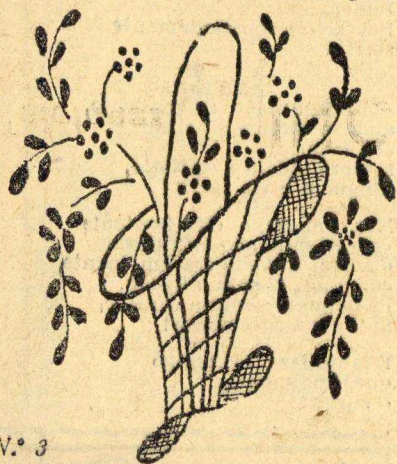
(Continua na página 7)



SECÇÃO de BORDADOS, PINTURA e ARTE APLICADA

◆ ◆ Por ARLETE LOPES NAVARRO ◆ ◆

Minhas queridas amiguinhas, apresento-vos, hoje, dois desenhos para



N.º 3

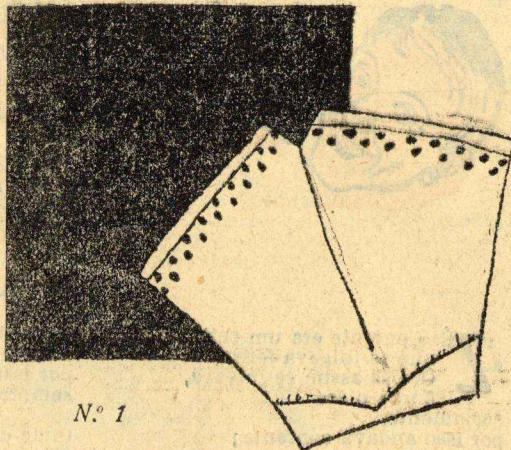
bordarem na vossa roupinha, e vereis como ficam bonitos.

O n.º 2 é bordado a branco e a cheio. O n.º 3 é executado da forma seguinte:

O cesto é feito a ponto pé de flor, a côr castanha; as florinhas a rosa e azul; a folhagem a verde claro e os tronquinhos a verde mais escuro.

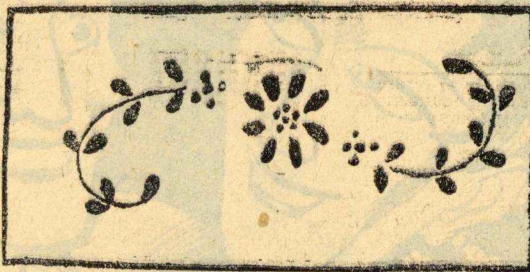
O n.º 1 representa umas calcinhas, fáceis de fazer. Têm uma barra de côr e as bolinhas a cheio são bordadas na côr da barra. Estas bolinhas podem ser feitas a nozinhos, ou, ainda, a ponto pé de flor.

Se a vossa paciência permitir, podereis, ainda, fazer essas bolas em aplicado. Colocam-se umas pequenas rodelas do tecido da barra e, passando um pequeno

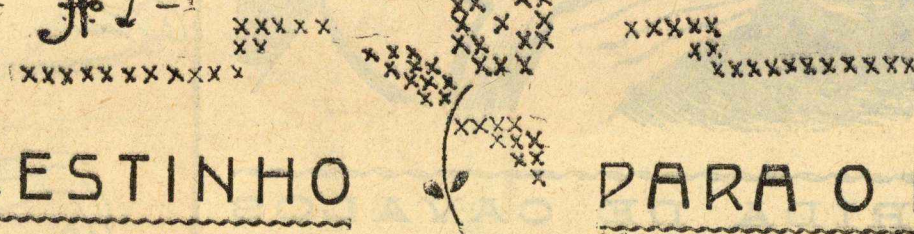


N.º 1

ponto em volta para as fixar, caseiam-se, então, com linha de bordar D. M. C., num tom levemente mais escuro.

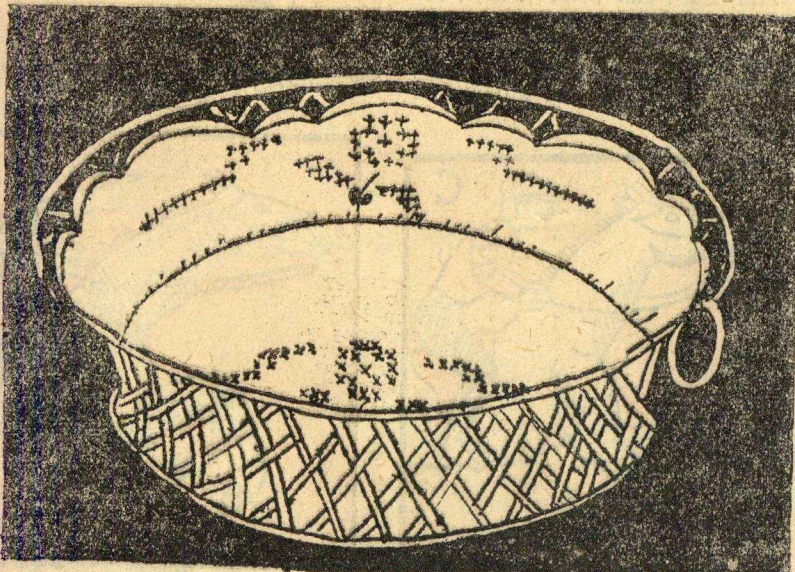


N.º 2



UM CESTINHO

PARA O PÃO



UR 1

Agora, vamos transformar o vosso cestinho do pão, ou dos ovos, num outro, moderno e apresentável.

Dêem uma demão de goma laca em todo êle. Depois de bem seca, uma outra e, em esta estando também seca, o que não leva tempo quasi nenhum, pois esta cola seca rapidamente, diluam um pouco de tinta duma bisnaga de óleo, azul, por exemplo, ou castanho, depende do vosso gosto, com verniz «Martin» e, com um pincel de pêlo de Martim, pintem-no cuidadosamente, levando no pincel pouca tinta, para não empastar. Depois de seca, dêem uma segunda demão.

Forra-se, então, o cestinho, bordando primeiramente no pano o desenho n.º 2, feito em ponto cruz. A flor é feita em azul ou côr de rosa; as folhinhas em verde, e os outros pontos em castanho. É caseada na extremidade, a ponto de recorte, a tira que se cose em volta da circunferência que forra o fundo do cesto. Depois de pronto o trabalho, dão-se no pano uns pequenos pontos para prender o fôrro do cestinho.

Experimentem e verão como é de facil execução este trabalho.

CORRIDA de CAVALOS

(Continuado da página 5)

forma a poder imprimir-se-lhe movimento giratório. Colem os quadrinhos em que figuram os cavaleiros nos sectores 1, 2, 3 e 4. Coloquem, em seguida, o marco em face de qualquer dos sectores sem numeração.

Cada um dos jogadores apossa-se de um cavaleiro e faz girar a circunferência. Quando esta páre, os jogadores verificam qual o cavaleiro que attingiu o marco e aquele a quem ele pertencer marca 5 quilómetros a seu favor. O que attingir, nas sucessivas voltas, 50 ou 100 quilómetros, conforme tiver sido combinado, ganha a corrida. Sempre que o marco coincidir com um sector sem numeração, os dois cavaleiros laterais pagam um tento ao bôlo, que reverterá em benefício do vencedor.

A HISTÓRIA do BICHAÇO MADRAÇO

(Continuado da página 3)

rado, sem fazer nada.» — respondeu o azougado coelhinho.

— «Gosto de te ouvir.» — disse, cheia de satisfação, a senhora coelha. — Agradece a boa Fada e vamos tratar da vida.»

O coelhinho Faz-Tudo — nome que adoptou — despediu-se, com estas palavras:

— «Obrigado, senhora Fada. Muito desejo que continue a fazer disparates tão acertados como este.»

Depois, seguido pela mãe, foi-se em busca de comidinha para a sua barriguinha.

As grandes aventuras do aeronauta Matias e do piloto «Pátó»

(Continuado da página 4)

rasgou-a em mil pedaços, entre a atrapalhação de Agapito, que tombou com uma síncope cardíaca, e o embarço de Matias e «Pátó», que intimamente se regozijaram com a acertada medida da fiel cadelinha, a qual sempre os livrara de «apuros» e «sarilhos.» Conduzido, imediatamente, o pobre Agapito ao posto de socorros, foi reanimado em poucos minutos, mercê duma injeção, semelhante à que ele pretendia «pregar» aos arrojados aviadores.

Entretanto, Matias, «Pátó» e «Mascotte» eram erguidos nos braços possantes de alguns populares e levados, no meio da multidão, num delírio de aclamações, pelas principais ruas e praças de «Cascos de Rôlhas».

Um Jôgo de observação

Amiguinhos, tendes um minuto para fotografar visualmente estes objectos:



Muni-vos dum papel e dum lápis. Um de vocês puxará do relógio. Entretanto, os outros fixarão a gravura acima, durante um minuto. Decorrido este, volta-se a gravura. Em seguida, cada jogador saca do seu lápis e inscreve no respectivo papel todos os objectos que houver retido na memória. Têm, agora, três minutos para os reproduzir.

Comparem, depois, o resultado. Vence aquele que houver inscrito maior número de objectos e que revele, portanto, um sentido de observação mais apurado.

Correspondência

ANTONIO MARTINS DE LEMOS — Muito gratos pelos elogios ao nosso suplemento, cumpre-nos dizer-te que só à vista da prosa e dos desenhos, poderemos garantir se terão cabimento no «Pim-Pam-Pum».

MARIA ZELIA SANTOS MARTINS — A foto sairá a seu tempo.

FERNANDO TAVIRA — Muito nos alegra saber que tens acompanhado com interesse os progressos do nosso suplemento. Brevemente publicaremos a construção a que te referes.

Um grande abraço a todos do

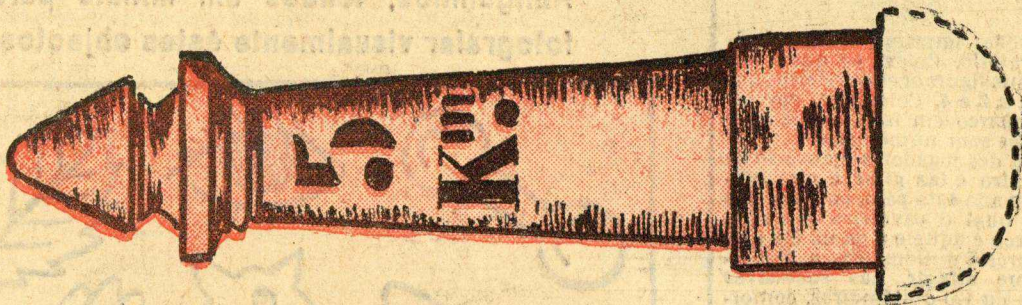
TIO PAULO

ACRÓSTICO

SOLUÇÃO DO
NUMERO
ANTERIOR:

JOÃO DE DEUS

CORRIDA de CAVALOS



Leiam as Instruções do Jogo na página 5

